

TRADUZINDO POESIA EM LÍNGUA DE SINAIS: UMA EXPERIÊNCIA FASCINANTE DE VERTER GESTOS EM PALAVRAS

Silvana Nicoloso
Universidade Federal de Santa Catarina
silnic71@yahoo.com.br

Resumo: São raras as pesquisas em torno do tradutor de língua de sinais, assim como do ato de se traduzir essa língua, principalmente na tradução de poesias. É inegável que uma tradução requer habilidades próprias do profissional que fará a mediação cultural e lingüística do texto desejado. Esse artigo procura avançar um pouco mais nas reflexões e discussões sobre a tradução de poesia em língua de sinais a fim de contribuir, em parte, com algumas idéias a respeito de aspectos que envolvem uma tradução na referida língua. Sabe-se que o tradutor, seja ele de qualquer língua oral ou sinalizada, apresenta características que lhe são peculiares. Portanto, o texto que segue consiste em relatar sobre a prazerosa e dolorosa experiência em realizar uma tradução comentada do poema “Os Cinco Sentidos” de Paul Scott, sendo a versão original em Língua de Sinais Britânica (British Sign Language – BSL) e a sua tradução para a Língua Portuguesa escrita¹.

Palavras-chave: metodologia de tradução, poesia em língua de sinais.

Abstract: Research on translators and translating from and into sign language – especially that of poetry is rare. Translation requires skills specific to the professional who undertakes the cultural and linguistic mediation of the text required. This article seeks to expand reflection and discussion on the translation of poetry into sign language in order to contribute some thoughts on what is involved in translations in this language. Translators, whether from spoken or marked languages, tend to have certain characteristics and the text that follows relates the pleasurable and painful experience of performing an annotated translation of the poem “The Five Senses” by Paul Scott, the source version being in British Sign Language

(BSL) and its translation in written Portuguese.

Keywords: translation methodology, sign language poetry.

1. Introdução

A história da educação de surdos tem mostrado que ao longo do tempo os tradutores/intérpretes de língua de sinais vêm construindo espaço dentro da comunidade surda, sendo que o trabalho desenvolvido por estes profissionais é de grande relevância, pois atuam nas mediações comunicativas e culturais entre surdos e ouvintes, entre línguas de sinais e línguas faladas. A autonomia conquistada pelos surdos dentro da sociedade e dos meios acadêmicos, bem como o reconhecimento da Língua de Sinais Brasileira com a Lei 10.436/2002 regulamentada pelo Decreto 5626/2005, exige a qualificação e o aperfeiçoamento profissional do tradutor/intérprete de língua de sinais nas diversas áreas e modalidades de atuação.

Tendo em mente que a língua de sinais apresenta na sua estrutura uma variedade de recursos que permite a execução de um discurso claro e completo, assim como em todas as línguas, o tradutor deve se apropriar de sua complexidade. Essa variedade de recursos e sua complexidade permitem uma gama de opções léxico-morfológicas e escolhas gramaticais durante o ato tradutório que apontam para espaços de investigações, debates, discussões e reflexões. Embora a tradução seja tradicionalmente reconhecida como manifestação lingüística e comunicativa das aspirações de uma certa cultura em um certo momento, enfim, de uma situação histórico-cultural específica, até muito recente o tradutor não era visto como um profissional.

No Brasil, o número reduzido de informações a respeito de temas que abordam estudos sobre língua de sinais e, consequentemente, sobre intérpretes e tradução desta língua, bem como a tradução de poesias em língua de sinais determina a necessidade

de investigação nesse campo. Contudo, é comum nos depararmos com a afirmação de que é impossível ou, ao menos, extremamente difícil traduzir poesias em quaisquer línguas, principalmente da língua de sinais para a língua oral ou vice-versa, pois entra em questão outro fator de complexidade, a diferença de modalidade. A este respeito Souza (2009:311) comenta que “diante da tradução para a modalidade escrita da Língua Portuguesa de uma peça poética cuja língua fonte (LF) é a Língua Brasileira de Sinais (Libras), pode-se questionar: como trazer para o papel algo que está em movimento? Como traduzir um poema cujas línguas fonte e alvo estão em modalidades de execução diferentes? Entre outras.” Sabe-se que esta tarefa é de extrema delicadeza e que o tradutor torna-se frágil perante tal atividade, pois se obriga a transformar-se quase em um poeta de fato. Traduzindo o poema do outro, fala de si próprio, coloca-se em evidência, despe-se e veste a fantasia do autor, torna-se o autor. O tradutor fica transparente ao manifestar preocupações estéticas, ao expor predileções e rejeições, põe as paixões a nu. Esse artigo, por sua vez, trás consigo a manifestação de uma experiência fascinante de tradução comentada de um poema em língua de sinais para a língua portuguesa escrita evidenciando que uma tradução consiste no reconhecimento do envolvimento de duas culturas, de dois mundos completamente diferentes.

2. Um breve histórico sobre o intérprete de língua de sinais: contextualizando a origem da profissão

Como anteriormente mencionado na introdução desse artigo, existem poucos trabalhos e estudos na área da interpretação e tradução em língua de sinais e, conseqüentemente, são raros os documentos a respeito dos intérpretes desta língua, com isto se torna difícil a tarefa de precisar a data e o local de origem dos primeiros intérpretes de língua de sinais. No entanto, se considerarmos a história da tradução e interpretação das línguas orais percebe-se

que a profissão de tradutor/intérprete de língua de sinais também teve origem no século XVI com os monges da ordem de São Bento, mais conhecidos como Monges Beneditinos. Estes faziam ações comunitárias e com o objetivo de levar a palavra de Deus aos cidadãos utilizavam a língua de sinais para a comunicação com as pessoas surdas.

Seguindo em frente nos dados históricos, sabe-se que entre os séculos XVIII e XIX os familiares das pessoas surdas, mais precisamente os filhos destes - atualmente conhecidos como CODAs (Children of Deaf Adults) - exerciam através da benevolência a atividade de tradução e interpretação da língua oral para a língua de sinais e vice-versa com o objetivo de mediar a comunicação entre seus familiares surdos e a comunidade ouvinte. Cabe ressaltar que nos dias de hoje ainda existem muitos CODAS atuantes no mundo da interpretação de língua de sinais, porém observa-se uma postura mais profissional e ética, distanciando-se das práticas benevolentes.

As publicações de Pires e Nobre (2004), Rodríguez (2001), Rosa (2003) e Santos (2006) relatam que, aproximadamente, na década de oitenta a interpretação e tradução de língua de sinais ganha espaço no âmbito religioso com caráter voluntário, com a finalidade de atrair e conquistar a simpatia dos surdos e seus familiares para os cultos e atos religiosos. Passados os anos, mais precisamente, na década de noventa o trabalho do tradutor intérprete de língua de sinais começa a ser reconhecido na área educacional com o objetivo de mediar a comunicação entre os alunos surdos e seus professores ouvintes, pois estes passam a frequentar as escolas comuns e, também, as universidades. Em 2000 a Lei da Acessibilidade, Lei nº 10.098/00, tem grande importância no reconhecimento do direito da pessoa surda em receber informações através da sua própria língua, pois tal lei trata também do direito de acesso a comunicação e informação, garantindo a presença do intérprete nos mais variados espaços da sociedade.

Com o reconhecimento da Língua de Sinais Brasileira através da Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e sua regulamentação

ção pelo Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005, a profissão de intérprete de língua de sinais ganha amparo legal e impulsiona a valorização do intérprete estimulando o aperfeiçoamento e qualificação desse profissional. Nos dias de hoje, existem em diversos estados do país associações de intérpretes de língua de sinais mobilizados em discutir sobre o ato interpretativo e a relevância da postura e ética profissional. Acredita-se que muita coisa ainda precisa ser efetivada quanto a essa profissão que é tão antiga e ao mesmo tempo tão recente.

Não poderia deixar de mencionar como um fato histórico a criação do primeiro curso em nível superior de Bacharelado em Letras/Língua de Sinais Brasileira, no ano de 2008, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que formará intérpretes/tradutores nessa língua, legitimando a profissão. Assim, os primeiros passos já foram dados, agora é necessário investir em pesquisas, a fim de avançar na área da tradução e interpretação de língua de sinais brasileira.

3. Tradução de poesias em língua de sinais: um desafio fascinante

É recorrente o pensamento de que as poesias são intraduzíveis, ou melhor, não é raro a existência de textos que desenvolvem o tema sobre tradução de poesias que defendem o fato de que não devemos traduzi-las, pois a medida em que se faz essa tentativa, pode-se cair nas armadilhas de erros de tradução. Souza (2009:317) ressalta que:

a noção de traduzibilidade, no entanto, tem de ser considerada em relação a cada instância da tradução como um ato performático e precisam ser conectadas com o tipo de texto em nível de TB (texto fonte), com o propósito da tradução e com os princípios tradutórios que foram sendo seguidos

pelo tradutor. [...] Não podemos deixar de ter consciência de que o texto poético trabalha com a linguagem em todos os seus níveis – semânticos, sintáticos, fonéticos, rítmicos, entre outros. Nesse sentido, mesmo havendo perdas em nível de modalidade de enunciação e articulação, a traduzibilidade poética também pode ocorrer no âmbito da Libras, favorecendo esboços e contribuições tradutórias gráfico-visuais na Língua Portuguesa.

Contudo, aceitei o desafio de traduzir um poema da língua de sinais britânica para a língua portuguesa escrita, a fim de vivenciar uma experiência inovadora na minha profissão de intérprete de língua de sinais e, também, como aluna do Curso de Mestrado em Estudos da Tradução. Como relatado acima, este consiste em uma tradução comentada do poema “Os Cinco Sentidos” de Paul Scott em Língua de Sinais Britânica (British Sign Language – BSL) e a sua tradução para a Língua Portuguesa escrita. Como aspecto metodológico utilizou-se a abordagem qualitativa que segundo Triviños (1987:121):

[...] baseia suas conclusões nas *descrições* do real cultural que lhe interessa para tirar delas os *significados* que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade. Isso obriga os sujeitos e o investigador a uma *participação* ativa onde se compartilham modos culturais [...]. Isto é, em outros termos, o pesquisador não fica fora da realidade que estuda, à margem dela, dos fenômenos aos quais procura captar seus significados e compreender.

Com isto, houve o esforço de trabalhar o texto em língua de sinais para a língua portuguesa escrita levando em consideração as diferenças culturais que envolvem os dois textos, ou seja, a diferença de modalidades (língua de sinais e língua escrita), a diferença de identidades surdas e ouvintes, as diferenças de identidades nacionais (britânica e portuguesa), bem como as diferenças lingüís-

ticas. Procurou-se manter a proximidade entre a realidade destas duas culturas. Também se levou em conta o estilo traduzido, pois traduzir poesia exige sensibilidade em perceber as manifestações por meio de expressões faciais, corporais e lingüísticas havendo a necessidade de aguçar o olhar para fatores que estão envolvidos nas duas modalidades, nas duas culturas, nas identidades e no estilo.

De acordo com Quadros e Sutton-Spence (2006:112):

A poesia em língua de sinais, assim como a poesia em qualquer língua, usa uma forma intensificada de linguagem (“sinal arte”) para efeito estético [...]. A linguagem nos poemas está em primeiro plano, determinada pela sua projeção que se origina da sua diferença em relação à linguagem cotidiana. A linguagem pode ser projetada de forma regular, uma vez que o poeta usa recursos e sinais já existentes na língua com excepcional regularidade, ou pode ser projetada de forma irregular, uma vez que as formas originais e criativas do poeta trazem a linguagem para o primeiro plano. A linguagem no primeiro plano pode trazer consigo significado adicional, para criar múltiplas interpretações do poema.

Para a realização da pesquisa da tradução comentada do referido poema baseou-se praticamente em estudar o texto de partida, analisar a linguagem, perceber a intenção do texto e conhecer o público alvo. Com isto, optou-se por manter a coesão textual e a forma de registro para adequar ao estilo, analisar o propósito comunicativo da tradução, perceber a informação do texto de partida considerando o âmbito da situação cultural que o condicionou. E por fim, no texto de chegada houve a tentativa de privilegiar o contexto cultural e situacional com o propósito de alcançar o objetivo de uma tradução, ou seja, passar a mensagem e comunicar, para isto analisou-se a forma como a linguagem é usada para produzir efeitos poéticos no poema em língua de sinais. Contudo, considera-se tão importante verificar a forma e o conteúdo do poema, quanto investigar o

impacto cultural e o seu papel na identidade de um povo.

Em relação a isto, Quadros e Sutton-Spence (2006) relatam a importância de conhecer o folclore e a cultura de uma comunidade quando se quer traduzir poesia, pois consideram que o folclore pode ser visto como um “espelho da cultura” fornecendo elementos que refletem a cultura surda. Para elas:

Enquanto não há uma definição universal de folclore, ele é normalmente visto como o conjunto cultural de conhecimento que são transmitidos oralmente (ou visualmente) em uma comunidade. Como todas as línguas de sinais tradicionalmente não apresentam um sistema escrito, o conhecimento cultural das comunidades surdas, que é passado por meio da língua de sinais, é transmitido visualmente. [...] No entanto, em qualquer aspecto do folclore, há possibilidades de os indivíduos criativos constituírem patrimônio lingüístico e cultural da comunidade e criarem formas que podem ser compostas e/ou transmitidas por meio do oral (visual). O conteúdo de um poema pode ser novo, mas o método de composição, o desempenho e a transmissão, assim como a forma, o tema e a função, estão firmemente dentro da tradição da cultura folclórica. [...] A poesia em sinais é assim um exemplo perfeito de folclore em sinais. (QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006:113-114)

A escolha do poema “Os cinco sentidos” deu-se pelo fato deste manifestar claramente a valorização da cultura e identidade surda através da exaltação das mãos evidenciando o sentido da visão em favor da audição. Este se refere diretamente à questão da experiência visual e inclui a falta de habilidade para ouvir, porém não indaga sobre a perda de um dos sentidos, no caso a audição, como é possível perceber na escolha do título. No lugar dessa discussão, o poema descreve a identidade surda perpassando pela experiência de uma pessoa visual, em que os sentidos da visão e audição se complementam a fim de fornecer à pessoa surda uma visão de

mundo plena e satisfatória. Este aspecto foi mantido na tradução para a língua e cultura de chegada, pois é a característica central do poema surdo e o objetivo primordial da mensagem que o mesmo pretende transmitir, ou melhor, a relevância da experiência visual do surdo. Reforçando essa idéia, Quadros e Sutton-Spence (2006) comentam que a experiência sensorial das pessoas surdas é uma marca de muitos poemas na língua de sinais.

O som – e a ausência dele – tem lugar muito pequeno nas poesias e é raro encontrar um poema na língua de sinais que foque em qualquer sentido a perda da audição para pessoas surdas. Alguns poemas escritos por pessoas surdas refletem isso [...], mas para poetas da língua de sinais, o som e o discurso são simplesmente irrelevantes. Em vez disso, a visão é trazida para o primeiro plano, reafirmando o lado positivo da experiência surda da vida e da existência visual das pessoas surdas. (QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006: 117)

Com isto, algumas decisões tradutórias foram necessárias, tais como: (i) preservar a intencionalidade do autor e a função do texto como fator intra textual, (ii) adaptar os elementos do texto de partida para o texto de chegada, levando em consideração a diferença de modalidade das línguas facilitando a compreensão do público alvo e, por último, (iii) utilizar uma tradução domesticante e não exorcizante, pois se pretende manter a forma como o poema retrata a experiência da pessoa surda, as informações, a intenção e o contexto da cultura fonte, com o objetivo de contribuir para o empoderamento do povo surdo, sem que essa tradução se torne uma ameaça à esse empoderamento, à identidade pessoal e cultural dos surdos.

Para a tradução do poema “Os cinco sentidos” fez-se necessário analisar repetidas vezes o texto produzido em língua de sinais, levando em consideração minhas reflexões e subjetividades durante

a atividade de interpretação por mim vivenciada, pois se sabe que o estudo do texto e as reflexões são imprescindíveis para uma tradução consciente. É relevante ter em mente que traduzir é informar superando barreiras lingüísticas e culturais. A poesia passa a ser uma forma de luta simbólica que manifesta a cultura surda e o poder da língua de sinais. Com isto, durante o processo de tradução para a língua portuguesa procurou-se preservar o empoderamento que a poesia em língua de sinais proporciona ao povo surdo. Conforme Quadros e Sutton-Spence (2006: 116-117):

[...] os poemas que descrevem e validam a experiência surda são fortemente usados para o empoderamento do povo surdo. Alguns poemas estão explicitamente ligados aos assuntos que são relevantes para as pessoas surdas, sendo relacionados diretamente à experiência surda. Esses incluem, especialmente, os poemas que celebram realizações surdas, os que exploram explicitamente os relacionamentos entre surdos e ouvintes e os que comentam sobre o lugar das pessoas surdas no mundo. E, outros casos, entretanto, a “surdéz” é menos declarada, e é tecida profundamente na tela do poema de modo que deva ser descoberta para ser vista.

A fim de não fugir da função e intencionalidade do texto sinalizado é de fundamental importância que o tradutor vivencie um processo de sensibilização com efeitos específicos sensoriais e reconheça as dificuldades reais de tradução. Um exemplo que ilustra bem essa dificuldade seria aguçar a visão para obter rima e melodia nas palavras registradas no papel a partir de movimentos, gestos e olhares. Perceber, também, que um poema caracteriza-se mais pela melancolia que pela alegria mantendo, então, a musicalidade e a sonoridade específica da língua oral. Para isto, faz-se necessário a tentativa de atingir uma unidade formal e semântica produzindo um efeito levemente coloquial, pois, como visto anteriormente, essa tradução caracteriza-se por ser domesticante. Para conseguir produzir esse efeito deve-se, em primeiro lugar, esquecer as palavras

e os sinais, atentando-se para a estrutura rítmica da poesia, porém não se desligar da tradição cultural do texto de partida.

Para reforçar as idéias expostas acima, tomo as palavras de Britto quando este descreve o pensamento tradutológico de Chapman na sua tradução do “Poema ao Leitor & Prefácio ao Leitor”:

O pensamento tradutológico de Chapman é o do “bom juízo”, ou seja, o tradutor, para produzir uma tradução correta, não deve ser literal, no sentido de realizar uma mera transposição de elementos formais, nem tão livre que não mais se reconheça no texto traduzido seu autor primeiro. [...] Chapman advoga por uma prática tradutória que recobre o espírito da obra original, com todos os seus valores formais e de conteúdo, estilísticos e expressivos. [...] A poeticidade de uma obra é indissociável da língua na qual é gerada, e a literalidade mata tanto o sentido como a forma, mesmo com todo o emprego de esforços e engenho dos melhores tradutores. Somente o “bom juízo”, a sensatez, a criatividade do tradutor podem produzir uma poeticidade correspondente ao original. É fundamental que a tradução seja direta – a partir do texto original – e que a obra primeira se reflita na tradução, tanto o sentido como a forma, respeitando a *proprietas* de cada língua e criando na língua da tradução um texto literário que lhe seja adequado. (BRITTO, 2006: 443)

Uma tradução não é orgânica, ela será sempre inorgânica, um corpo estranho, uma anomalia na língua e cultura de chegada. Em algum momento ou em qualquer momento poderá haver um impacto de tradução, um choque cultural, um estranhamento. Para que isto não ocorra de maneira tão impactante é essencial respeitar a musicalidade do pensamento, não perder a delicadeza reflexiva e procurar manter o fetiche histórico de tradução que seria preservar a forma e a “fidelidade” para atingir e tocar o público alvo, ou seja, o leitor. Porém é sábio considerar que forma não é só métrica

e que muitos elementos tradutórios estão envolvidos na árdua missão de traduzir poesia, contudo não se pode esquecer que a carga sonora deve contemplar a carga semântica. Tradução é artesanato e o tradutor é o artesão que esculpe com suas próprias mãos as palavras e o texto.

Os fatores extra-textuais levados em consideração para a tradução em questão foram: (1) a origem e a cultura do autor; (2) o provável conhecimento prévio do público alvo a respeito do poema; (3) o tempo da comunicação em sinais e sua versão para a escrita; (4) a função textual; (5) o movimento do corpo, das mãos e do olhar relacionados à rima e à pontuação; (6) a presença marcante de classificadores e da expressão facial; (7) a escolha do gênero e estilo de texto (poema); (8) o aspecto do texto (tema); (9) a intenção do poema (valorização cultural, exaltação da língua através da experiência visual e do uso das mãos suavizando a privação auditiva); (10) o contraste entre mãos, olhos e movimentos versus boca, ouvidos e sons; (11) a importância da Língua de Sinais; (12) o uso da sintaxe (períodos longos com muitas informações no poema sinalizado) e, por último, (13) a escolha do léxico acessível à compreensão do público, sendo esta um fator complexo devido ao uso de Classificadores (CL) e expressões não-manuais.

As maiores dificuldades de tradução encontradas ficaram por conta (1) da escolha de uma linguagem rica e poética que satisfizesse a expressividade apresentada no poema; (2) do uso de rima, melodia e sonoridade somente na língua alvo; (3) de perceber as devidas pontuações para as pausas, parágrafos e estrofes; (4) de optar por manter ou não os personagens e os diálogos expressados através do uso do corpo e dos dedos; (5) de escolher a pessoa e forma de narração; (6) de questionar a competência cultural e lingüística do tradutor; (7) de monitorar a tradução a fim de evitar possíveis adições, subtrações, substituições, ganhos e perdas para o texto de chegada e (8) de colocar elementos tradutórios para o gênero literário.

Por conveniência, segue a apresentação do poema em glosas para facilitar o conhecimento e a identificação dos sinais utilizados

no mesmo objetivando uma melhor visualização e compreensão das traduções que serão apresentadas posteriormente.

4. Os Cinco Sentidos

MÃO-DIREITA-ABERTA (CINCO-DEDOS-ESTENDIDOS)
DEDO-MÉDIO-PASSAR/SUBIR-PEITO
MÃO-DIREITA-FECHAR-MÃO-ESQUERDA (S)
MÃO-DIREITA-BATER-MÃO-ESQUERDA (TOC-TOC)
MÃO-ESQUERDA-FECHADA (S)
MÃO-DIREITA-ABRIR (L)
EXPRESSÃO-FACIAL-ABRIR-OLHOS-ACORDAR
MÃO-DIREITA-NÃO-APONTAR-PARA-MÃO-ESQUERDA-
FECHADA
MÃO-DIREITA-NÃO-FECHAR-MÃO-ESQUERDA
MÃO-DIREITA-ABERTA-PASSAR-PELO-PEITO-CIRCULO-
SUBIR
MÃO-DIREITA-PASSAR-BRAÇO-ESQUERDO-ARREPIAR-
SENTIR
DOIS-BRAÇOS-CRUZADOS-ABRAÇO
MÃO-DIREITA-TOCAR-FRIO
MÃO-ESQUERDA-TOCAR-QUENTE
ESFREGAR-MÃOS
LAMBER-MÃOS
MÃO-DIREITA-PASSAR-E-SUBIR-PELO-PEITO
MÃO-ESQUERDA-FECHADA (S)
MÃO-DIREITA-POLEGAR-ESTENDIDO-LEGAL
MÃO-ESQUERDA-POLEGAR-ESTENDIDO
CABEÇA-SIM
MÃO-DIREITA-BATER-NA-MÃO-ESQUERDA (TOC-TOC)
MÃO-ESQUERDA-DEDO-INDICADOR-ESTENDIDO
EXPRESSÃO-FACIAL-DE-DÚVIDA
MÃO-DIREITA-NÃO

MÃO-DIREITA-DEDO-INDICADOR-ESTENDIDO-MINUTO
MÃO-DIREITA-PASSA-PELO-PEITO-MOVIMENTO-SINUOSO
MÃO-DIREITA-PEGAR-PICOLÉ
LAMBER-PICOLÉ
PASSAR-LÍNGUA-NOS-LÁBIOS
LAMBER-PICOLÉ
OLHAR-PARA-FRENTE
MÃO-DIREITA-PEGAR-COLHER-COMER-RUIM
JOGAR-FORA (2X)
PEGAR-COLHER-COMER
SABOREAR-ENGOLIR
MÃO-DIREITA-DESLIZAR-NO-PEITO
MÃO-ESQUERDA-FECHADA(S)-ESTENDER-INDICADOR
CABEÇA-SIM
MÃO-DIREITA-BATER-NA-MÃO-ESQUERDA-FECHADA
DEDO-MÉDIO-ESTENDER
MÃO-DIREITA-NÃO
MÃO-DIREITA-DEDO-INDICADOR-MINUTO
MÃO-DIREITA-DESLIZAR-PELO-PEITO-SUBIR-EM-MOVIMENTO-CIRCULAR
DEDO-INDICADOR-NARIZ-CHEIRAR-ERGUER-CABEÇA
PASSAR-DEDOS-UNIDOS-NOS-LÁBIOS (FLOR)
MÃO-DIREITA-PEGAR-FLOR-CHEIRAR
MÃO-DIREITA-ABRIR-GELADEIRA-APONTAR-CHEIRAR
FEDOR-RUIM
ABANAR-MÃO-EM-FRENTE-NARIZ
PEGAR-GRÃO-COLOCAR-NA-BOCA-MASTIGAR-E-CHEIRAR-CABINHO
MÃO-DIREITA-DESLIZAR-PEITO-E-VOLTAR-APONTAR-PARA-PEITO (EU)
CABEÇA-SIM
MÃO-ESQUERDA-DEDO-INDICADOR-ESTENDIDO-E-MÃO-FECHADA (S)

MÃO-DIREITA-BATE-NA-MÃO-ESQUERDA (TOC-TOC)
MÃO-ESQUERDA-DEDO-ANELAR-SEMIESTENDIDO-FE-
CHAR-MÃO
EXPRESSÃO-FACIAL-E-CABEÇA-NÃO
MÃO-DIREITA-BATER
MÃO-ESQUERDA-DEDO-ANELAR-SEMIESTENDIDO-FE-
CHAR-MÃO
EXPRESSÃO-FACIAL-E-CABEÇA-NÃO
MÃO-DIREITA-BATER-MÃO-ESQUERDA
MÃO-ESQUERDA-DEDO-MINIMO-ESTENDIDO
MÃO-DIREITA-AVISAR-DEDO-ANELAR
EXPRESSÃO-FACIAL-E-CABEÇA-NÃO
EXPRESSÃO-FACIAL-INTERVENÇÃO-EXPLICAÇÃO
MÃO-ESQUERDA-DEDO-ANELAR-E-INDICADOR-ESTEN-
DIDO
MÃO-DIREITA-DOIS-JUNTOS
MÃO-ESQUERDA-DEDO-ANELAR-E-INDICADOR-ABRE-E-
FECHA (SIM)
CABEÇA-SIM
EXPRESSÃO-FACIAL-ENTENDER
MÃO-ESQUERDA-FECHADA (S)
MÃO -DIREITA-DESLIZA-PEITO-SOBE-E-DESCE-SINUOSO
DUAS-MÃOES-ABRIR-DEDOS (L)
ABRIR-OLHOS
PEGAR-VISUAL-DUAS-MÃOS (SINCRONIA)
PEGAR-DUAS-MÃOS-COLOCAR-NA-BOCA
MOVIMENTO-MÃOS-VAI-E-VEM-BOCA-PALAVRA
MOVIMENTO-MÃOS-VAI-E-VEM-OLHOS-IMAGENS
DUAS-MÃOS-DESCER-PEITO
MÃO-DIREITA-SUBIR-PEITO
MÃO-ESQUERDA-DEDOS-ANELAR-E-MINIMO-ESTENDI-
DOS
MÃO-DIREITA-APONTAR-PARA-DEDOS-ESTENDIDOS
CABEÇA-SIM

MÃO-ESQUERDA-TODOS-OS-DEDOS-ESTENDIDOS (5)
-DEDO-MINIMO-E-ANELAR-UNIDOS
MÃO-DIREITA-APONTAR-PEITO-EU

5. Comentários sobre o processo de tradução do poema “Os cinco sentidos”

Inicialmente, observou-se várias vezes o poema em Língua de Sinais Britânica interpretado por Paul Scott e gravado em vídeo (DVD), a fim de conhecer melhor o texto, bem como analisar a mensagem e o contexto em que está envolvido, tais como: a intenção do autor que envolve questões culturais e lingüísticas; o público alvo a que se destina, enfim, todas as informações contidas no texto de partida com o propósito de considerar o âmbito cultural que o condicionou.

Após as referidas análises e observações, optou-se por realizar uma tradução literal para facilitar o processo de interpretação. Também foram necessárias algumas decisões tradutórias, a saber: manter a coesão textual e o propósito comunicativo; adequar o registro ao estilo de texto literário; privilegiar o contexto cultural de origem; preservar a intencionalidade do poeta e a função do texto; adequar os elementos do texto de partida para o texto de chegada visto a diferença de modalidade que existe entre as duas línguas envolvidas facilitando, assim, a compreensão do público alvo; e, finalmente, utilizar uma tradução domesticante e não exorcizante a fim de manter as informações, a intenção e o contexto da cultura fonte.

Cabe ressaltar que o estudo detalhado do texto e as reflexões realizadas com o grande grupo de tradutores durante a disciplina de “Prática em Tradução”, foram de grande valia para uma tradução consciente e o aprimoramento desta prática.

6. Os Cinco Sentidos: Primeira versão

A primeira versão de tradução realizada do presente poema se deu de forma mais literal, na qual se priorizou uma aproximação da tradução sinal/palavra a fim de capturar o maior número de elementos possíveis utilizados pelo poeta. Cabe ressaltar que embora a versão original seja em Língua de Sinais Britânica, em nada peca ou fica a desejar para a realização de uma boa compreensão do texto, pois tem um repertório riquíssimo de expressões corporal e facial, classificadores, movimentos e o uso do espaço é sabiamente utilizado. A seguir, apresentar-se-á a primeira versão em língua portuguesa:

Toc toc

- Eu não sei quem é você!

- Você não me conhece? Só um minutinho.

Todo o corpo se arrepia com o abraço.

O gelado é frio.

O quente queima.

Agora você sabe quem eu sou?

Agora eu sei.

Toc toc

- Eu não sei quem é você!

- Você não me conhece? Só um minutinho.

Lambida de picolé: - Hum!

Uma colherada de algo cremoso: - Heca!

Uma colher grande de outra coisa: - Hum!

- Agora você sabe quem eu sou?

- Ah, agora eu sei.

Toc toc

- Eu não sei quem é você!

- Você não me conhece? Só um minutinho.

- Respirar, cheirar uma flor.
- Abrir a geladeira, cheirar um queijo: ruim!
- Comer cereja e cheirar o cabinho: bom!
- Agora você sabe que eu sou?
- Agora eu sei.

Toc toc

- Não quer sair

Toc toc

- Não poder sair

Toc toc

- Oi

- Não é com você que quero falar. É com o seu vizinho.
- Só um minutinho: (amiguinho venha comigo). Nós só funcionamos juntos.
- Só juntos?
- Sim
- Então está bem. Eu não conheço vocês!
- Quer saber quem somos?
- Olhos arregalados, ver. Informações, palavras, imagens, cores, velocidade, ação.
- Agora você já sabe quem somos.
- Sim, agora eu sei
- Então, agora você nos conhece!

Algumas dificuldades encontradas no processo de tradução literal: (1) decidir se a forma de diálogo seria mantida na tradução ou não, pois na versão original existe um diálogo entre os personagens representados pelo corpo e pelos dedos. Contudo, optou-se por mantê-lo também na versão em Língua Portuguesa escrita para que a tradução permanecesse a mais próxima possível do texto original; (2) perceber e situar a existência de pontuações através das pausas e repetições para a elaboração das estrofes; (3) no ato de traduzir, a competência cultural e lingüística do tradutor sempre é colocada

à prova e, várias vezes, as dúvidas e incertezas de uma boa escolha ou opção mais adequada nos arrebatam durante esse ato e, finalmente, (4) a preocupação com possíveis adições, subtrações, substituições, ganhos e perdas no texto de chegada.

7. Os Cinco Sentidos: Segunda versão

A segunda versão da tradução apresenta acréscimos, omissões e substituições de elementos sintáticos e morfológicos, assim como a subtração de partes do diálogo que se retem e, também, de algumas situações presentes exclusivas da língua de sinais. Isto se fez necessário pelo fato de perceber que certas repetições e entonações realizadas através das expressões facial e corporal devem ser captadas e transcritas através de recursos lingüísticos próprios da língua oral para dar significado poético ao texto. Segundo Quadros e Sutton-Spence (2006:138) “é importante lembrar que o efeito poético da repetição é criado somente na forma do poema em língua de sinais. Traduzir os poemas para inglês ou Português resulta na perda desses efeitos repetitivos, porque eles ocorrem dentro da estrutura dos próprios sinais.” No entanto, procurou-se manter o sentido o mais próximo possível do texto de partida, como é possível perceber abaixo:

Desculpe-me, mas quem é você?
Quem sou eu? Venha comigo e veja.
Sinta seus braços arrepiarem-se com meu abraço.
Oh, que gelado!
Oh, que quente!
Então, agora você me conhece.

Desculpe-me, mas quem é você?
Quem sou eu? Venha comigo e veja.
Hum... Que delícia!

Eca... Que ruim!
Hum... Que gostoso!
Então, agora você me conhece.

Desculpe-me, mas quem é você?
Quem sou eu? Venha comigo e veja.
Uma flor: Perfumada!
Um queijo: Fedido!
Uma fruta: Cheirosa!
Então, agora você me conhece.

Desculpe-me, mas quem é você?
Quem? Eu? Não, somos “nós”!

Nós estamos juntos.
Venha conosco e veja.
Olhos bem abertos, vendo e entendendo.
Informação e conhecimento.
Cores, velocidade, ação.
Muito prazer, agora você nos conhece.

Para essa tradução observou-se alguns fatores extra-textuais como: (1) A origem e a cultura do autor do texto original; (2) o conhecimento prévio que o público alvo deve possuir a respeito do tema; (3) o tempo da comunicação e a colocação adequada dos tempos verbais; (4) a função textual e lexical; (5) o uso de classificadores, bem como a presença de expressões facial e corporal.

8. Os Cinco Sentidos: Terceira versão

Nessa terceira versão da tradução do poema procurou-se adequar algumas terminologias aproximando o texto de uma linguagem mais poética, porém não houve a preocupação com a rima.

Segue a referida tradução:

Desculpe-me, mas quem é você?
Quem sou eu? Venha comigo e veja.
Sinta seu corpo inteiro arrepiar-se com o meu abraço.
Sinta o gelado!
Sinta o quente!
Então, agora você me conhece.

Desculpe-me, mas quem é você?
Quem sou eu? Venha comigo e veja.
Sinta o doce!
Sinta o amargo!
Comer é saboroso!
Então, agora você me conhece.

Desculpe-me, mas quem é você?
Quem sou eu? Venha comigo e veja.
Cheire uma flor e sinta: - perfumada!
Cheire um queijo: - Fedido!
Uma fruta: Cheirosa!
Então, agora você me conhece.

Desculpe-me, mas quem é você?
Quem? Eu? Não, somos “nós”!
Nós estamos juntos.
Venha conosco e veja.
Olhos bem abertos, vendo e entendendo.
Informação e conhecimento.
Cores, velocidade, ação.
Muito prazer, agora você nos conhece.

Nessa etapa da tradução houve a preocupação em preservar a “provável” intenção do autor em valorizar a cultura surda, a língua

de sinais através do uso das mãos e a experiência visual da pessoa surda devido a privação auditiva. Percebe-se a dicotomia entre o movimento das mãos e dos olhos com o uso da fala oral e da voz, assim como a importância da língua de sinais.

Uma dificuldade de tradução encontrada foi o uso apropriado dos itens lexicais e a escolha da sintaxe, pois o texto de partida apresenta períodos longos com muitas informações e várias personificações. Na questão lexical houve a preocupação em deixá-lo acessível à compreensão. O texto é considerado complexo devido ao uso de diversos Classificadores (CL) e expressões não-manuais.

9. Os Cinco Sentidos: Versão final

Neste momento a preocupação maior ficou por conta do uso de uma linguagem rica e poética refletindo a expressividade presente no texto de origem. Outro aspecto importante foi perceber as pausas para colocar as pontuações corretas e fazer a divisão dos parágrafos. O uso de rimas e a sonoridade das palavras foi outro aspecto relevante levado em consideração nessa tradução com o objetivo de sensibilizar, aflorar emoção e prazer poético ao leitor. Houve algumas adições, subtrações, substituições, ganhos e perdas para se chegar até esta tradução, a priori, considerada final.

- Desculpe-me, mas quem é você?
- Quem eu sou? Venha comigo e veja.
Sinta o abraço que provoca arrepio.
Sinta o gélido como é frio
E o calor que queima e aquece.
Muito prazer, agora você me conhece.

- Desculpe-me, mas quem é você?
- Quem eu sou? Venha comigo e veja.

Experimente o doce que é muito gostoso.
Prove o amargo como é horroroso.
Comer é saboroso e apetece.
Muito prazer, agora você me conhece.

- Desculpe-me, mas quem é você?
- Quem eu sou? Venha comigo e veja.
Sinta suavemente o perfume de uma flor.
Sinta do queijo seu odor: que Horror!
Sinta da fruta o aroma que entontece.
Muito prazer, agora você me conhece.

- Desculpe-me, mas quem é você?
- Quem? Eu? Não, somos “nós”!
Nós estamos juntos. Venha conosco e veja.
Olhos bem atentos, vendo e entendendo.
Conhecimento e informação.
Cores, velocidade, ação.
Agora, você nos conhece, então.

Nessa versão final da tradução do poema a grande dificuldade encontrada e o maior desafio foi a tentativa de colocar elementos tradutórios para o referido gênero literário, sem muitas modificações das versões anteriores, como também a escolha do léxico para a realização da rima, procurando fazer uma relação estreita entre o movimento do corpo, das mãos e das expressões facial em analogia à rima, sonoridade e a pontuação. Houve o predomínio do sentido denotativo, pois, aparentemente, as opções lexicais encontradas para o uso da rima foram menos complexa, sendo o fator tempo algo a se levar em consideração.

10. Concluindo sem concluir

Realizar a tradução de um poema em língua de sinais para a língua portuguesa escrita foi um imenso desafio, porém muito gratificante. Tal experiência pode ser considerada excitante e prazerosa, pois o desejo de aprimorar cada vez mais o texto e fazer modificações na intenção de conseguir melhores adequações, aparentemente, não tem fim. É fantástica a satisfação nas escolhas lingüística e a verificação dos resultados obtidos a cada hipótese encontrada. A experiência de traduzir um poema pode ser comparada a um jogo sedutor e desafiante, a uma aposta tentadora, a uma gostosa brincadeira, onde o sujeito envolvido não consegue ou não quer parar. É algo fascinante, alucinante, cativante, às vezes, um tanto frustrante.

Durante o processo de tradução é impossível não questionar a respeito da complexidade das línguas sejam elas produzidas em qualquer modalidade, porém, mais complexa ainda, é encontrar uma aproximação entre elas, ou seja, a tão desejada “equivalência” lingüística. É relevante considerar, também, que durante a realização desse processo fica perceptível à dificuldade de “fidelidade” e “invisibilidade” do tradutor. O mesmo está sempre presente e muito visível em cada palavra escolhida, em cada ato efetivado e sacramentado com a tradução. Ao refletir e questionar a respeito das possibilidades, perdas e ganhos ao traduzir poesias não é difícil afirmar que sempre iremos perder! E isto independe das línguas envolvidas no processo.

O mais interessante nesse processo é o fato de que uma tradução aparentemente nunca estará completamente finalizada, ou melhor, por mais tempo que se dispense para tal atividade esta parece não estar, realmente, concluída, pronta, acabada. E é por esse fato que o presente trabalho não contém uma real conclusão e sim um ensaio, uma tentativa de concluir. Aqui não existe conclusão, somente encerram-se as escrituras... Não é um fim... É apenas um tímido começo!

Nota

1. A elaboração do projeto de tradução foi uma experiência vivenciada no segundo semestre do ano de 2008, na disciplina de “Práticas em Tradução” ministrada pelo Prof. Dr. Markus Weininger, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Bibliografia

BRITTO, P. H. George Chapman: Poema ao leitor & Prefácio ao leitor In: FURLAN, M. (org.). *Clássicos da teoria da tradução. (Antologia bilíngüe)*. Vol. 4 – Renascimento (p. 441-451). UFSC: Florianópolis, 2006.

PIRES, C. L e NOBRE, M. A. Uma investigação sobre o processo de interpretação em língua de sinais. In: THOMA, A da S. e LOPES, M. C. (org). *A invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

QUADROS, R. M. de & SUTTON-SPENCE, R. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, R. M. de. (Org). *Estudos Surdos I*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

RODRÍGUEZ, E. de los S. *Técnicas de la interpretación de lengua de signos*. Barcelona: CNSZ Fundación, 2001.

ROSA, A. S. A presença do intérprete de língua de sinais na mediação entre surdos e ouvintes. In: SILVA, I. R.; KAUCHAJE, S. e GESUELI, Z. M. (org). *Cidadania, Surdez e Linguagem*. São Paulo: PLEXUS, 2003.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Centro de Educação. *Constituição das identidades do profissional intérprete de Língua de Sinais no ensino superior*, 2006 (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina: Centro de Educação, 2006.

SOUZA, S. X de. Traduzibilidade poética na interface Libras – Português: aspectos lingüísticos e tradutórios com base em Bandeira Brasileira de Pimenta (1999). In: QUADROS, R. M. de e STUMPF, M. P. (org). Estudos Surdos IV – Série Pesquisas. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais. A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.